



## Trabalho a dois

*Neste período de coronavírus, geralmente não temos mais a possibilidade de visitar parentes, amigos ou conhecidos que sabemos necessitados. Os meios de comunicação parecem ser a única maneira de expressar o nosso amor concreto. O seguinte escrito também indica outra maneira de agir.*

*Grande sabedoria é passar o tempo de que dispomos, vivendo com perfeição a vontade de Deus, no momento presente.*

*Mas, às vezes, somos assaltados por pensamentos tão obsessivos, relacionados ao passado, ao futuro ou ao presente, mas ligados a lugares, circunstâncias ou pessoas, a quem não nos podemos dedicar diretamente, que custa um sacrifício enorme manejar o leme da barca de nossa vida, mantendo a rota no que Deus quer de nós, naquele momento presente.*

*Então, para viver (...) bem, é necessária uma vontade, uma decisão, mas sobretudo uma confiança em Deus que pode chegar ao heroísmo.*

*“Não posso fazer nada naquele caso, nada por aquele ente querido, que corre risco ou está doente, nada para aquela situação intrincada...”*

*Pois bem, farei o que Deus quer de mim neste momento: estudar bem, varrer direito, rezar direito, cuidar direito dos meus filhos...*

*E Deus se ocupará de desemaranhar aquela meada, de confortar quem sofre e de resolver aquele imprevisto”.*

**Caros leitores,**

*como será o mundo, a humanidade, depois desta crise global causada pelo Coronavírus? Esta é a pergunta de muitas pessoas neste momento. A resposta do prof. Vincenzo Buonomo, Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense, no Collegamento CH de 28 de março (pag. 11/12) foi desarmante: “Creio que o mundo será sempre o mesmo. O importante é que neste período nós mudamos”.*

*Mas o que fazer? Num artigo de “L’Osservatore Romano” de 3 de abril de 2020, Maria Voce, Presidente dos Focolares, escreveu: “É este o desafio desta emergência planetária: não fugir, não procurar apenas sobreviver para chegar sãos e salvos até ao fim, mas fixar-nos bem no momento presente, olhando,*



*É um trabalho feito a dois em perfeita comunhão, que exige de nós uma grande fé no amor de Deus por seus filhos e que, pelo nosso modo de agir, dá ao próprio Deus a possibilidade de confiar em nós. Essa confiança recíproca opera milagres.*

*O resultado é que, aonde nós não conseguimos chegar, Outro realmente conseguiu, e fez muitíssimo melhor do que nós.*

*O ato de confiança heroico será premiado; nossa vida, limitada a um campo só, ganhará nova dimensão; sentir-nos-emos em contato com o infinito, pelo qual aspiramos, e a fé, revigorando-se, fortalecerá em nós a caridade, o amor.*

*Não lembraremos mais o que a solidão significa. Saltará mais evidente, mesmo porque a experimentamos, a realidade de que somos de fato filhos de um Deus Pai que tudo pode.*

**Chiara Lubich**

*Tirado de: Chiara Lubich, Ideal e Luz, Editoras Brasiliense e Cidade Nova, São Paulo 2003, pág. 75-76.*

*aceitando e enfrentando cada situação de sofrimento – pessoal e dos outros – para que seja um lugar de encontro com ‘Jesus Abandonado’ e encontrar, no amor por Ele, a força e a criatividade para construir relacionamentos de fraternidade e de amor também nesta situação difícil”.*

*Portanto, é um convite a dar três passos: fixar-nos bem no momento presente; amar Jesus Abandonado no sofrimento; construir relacionamentos de fraternidade com criatividade! Um programa bonito que se torna o nosso desejo para este período Páscoa.*

**Joachim Schwind**  
**Assessoria de Imprensa dos Focolares**

## Emmaus: Nada pode nos impedir de amar

*A mensagem de Maria Voce, Presidente dos Focolares, às comunidades do Movimento no mundo por ocasião do dia 14 de março, aniversário da morte de Chiara Lubich.*

*Caríssimas e caríssimos todos,*

Estou muito feliz por me unir a todos vocês no mundo justamente hoje, 14 de março, no dia do nascimento de Chiara para o Céu e no ano do seu centenário.

Desde o início, nos regozijamos com os muitos eventos extraordinários que se realizaram e continuam a se realizar no mundo inteiro, despertando grande interesse também da mídia, tanto pela pessoa de Chiara quanto por tudo aquilo que o Carisma gerou na sua grande família. Realmente muitos a estão encontrando!

E gostaríamos que a festa continuasse, bem como os muitos eventos, os encontros, as atividades, as conferências e as celebrações eucarísticas, mas sabemos bem: o cenário mudou.

A epidemia causada pelo Coronavírus está forçando muitos países do planeta a tomar medidas drásticas para deter o contágio: o isolamento e a distância física são os instrumentos mais eficazes no momento, juntamente com a proibição de qualquer tipo de encontro ou evento público; inclusive as celebrações litúrgicas foram suspensas aqui na Itália!

Felizmente da China, que durante semanas acompanhamos com apreensão, começam a chegar os primeiros sinais menos dramáticos: tanto os contágios quanto as mortes estão diminuindo significativamente; mas aqui na Itália e em vários outros países do mundo a situação ainda é muito grave.

Sabemos bem, porém, que o Coronavírus não é a única emergência que a humanidade está enfrentando: penso nos conflitos em curso, como na Síria; nos migrantes, obrigados a fugir de suas terras; nas antigas e novas epidemias em alguns países africanos.

Sem dúvida, para muitos de nós que vivemos isolados - também estou falando agora a vocês daqui de casa - é uma experiência totalmente nova. Porque somos feitos para a comunhão e a unidade, e podemos constatar isso através dos frutos deste período tão doloroso, que muitos me comunicaram. E agradeço a todos de coração. Vocês são o testemunho vivo de que, mesmo em condições extremas, ninguém pode tirar Deus de nós ou nos impedir de amar.

Existem muitas maneiras pelas quais podemos oferecer



apoio e conforto: com a oração em primeiro lugar; podemos também multiplicar os atos de amor: um telefonema, uma mensagem WhatsApp, um e-mail..., para que ninguém se sinta sozinho, não só aqueles que estão em casa, mas também os doentes e todas as pessoas que fazem o máximo para tratar, consolar, acompanhar, todos aqueles que sofrem as consequências desta situação. Enfim: coloquemos em ação a criatividade, a imaginação... os nossos gen estão nos ensinando isso com as muitas experiências que estão compartilhando nas redes sociais e não apenas eles.

Somente assim, somente compartilhando os atos de amor que sempre podemos fazer, seremos contagiados com o antivírus da esperança, o antivírus da fraternidade. Serão momentos, dias, talvez semanas ou meses... não sabemos. No entanto, vão passar. Se os vivermos bem, eles nos farão redescobrir a presença viva e forte de Jesus no Evangelho vivido, no irmão, em Jesus no meio, que, mesmo à distância, podemos manter em nossa grande família; e, sobretudo, na dor amada, na qual reconhecemos Jesus Abandonado - "o Deus de Chiara", como o bispo de Trento gosta de chamá-lo. Nele, também encontraremos Chiara, e aprenderemos a olhar para todas as situações com os seus olhos. Também nós poderemos repetir a experiência de Chiara e de suas amigas, que, de certa forma, sequer perceberam a guerra ou seu fim, porque, fixas em Deus e no seu amor, a realidade que viviam era mais forte do que tudo. Tudo começou com essa nova fé no amor de Deus.

Começamos de novo também hoje, com a certeza de que tudo é Amor e que, se permanecermos unidos na oração e no amor para com todos, contribuiremos para espalhar a esperança e confortar o mundo. Será a melhor maneira de celebrar Chiara e o seu - e nosso - Ideal.

*Estou com vocês, em qualquer lugar estejam! Até breve!*



## Jesús: Estamos vivendo um tempo de graça!

*Homelia do p. Jesús Morán, Co-presidente do Movimento dos Focolares, na missa celebrada de portas fechadas e transmitida em streaming no dia 14 de março de 2020, em que se celebra 12º ano do falecimento de Chiara Lubich.*

(...) Nestas últimas semanas – entre outras coisas, já em meio à Quaresma – predominou em minha alma um pensamento: a vaidade de todas as coisas, a precariedade da nossa inteligência para entender profundamente a realidade, a vida e o curso da história. De fato, foi suficiente um vírus, um micro-organismo acelular para pôr em risco todos os nossos grandes raciocínios, as nossas seguranças, nossos planos econômicos, nossas estratégias políticas; para desencadear o pânico em nível mundial e evidenciar as misérias da assim chamada globalização. Como evidenciou a manchete de um jornal há alguns dias, usando a linguagem futebolística: Coronavírus 1 – Globalização 0.

Enquanto pensava nas coisas que foram escritas nos últimos anos sobre o fenômeno da cultura na nossa época, as inúmeras análises e contra-análises sobre o futuro da história etc. etc., fui tomado por um sentimento de consternação e tristeza quase paralisante. Mas foi então que cheguei a uma redescoberta formidável: a Revelação, a Palavra de Deus dirigida ao homem com as palavras e a inteligência do homem; o pensamento de Deus em palavras humanas nas profundezas da vida e da história; um lampejo de significado. De fato, creio que somente a Palavra de Deus nos dá respostas para este momento que estamos vivendo, porque somente ela contém uma sabedoria eterna que vai além dos tempos sem perder o significado. À luz da Revelação, percebemos um fato que é tanto mais perturbador quanto paradoxal: que estamos vivendo um tempo de graça.

Sabedoria! Aqui está a chave correta. Este é realmente o momento da sabedoria, um tempo para a sabedoria; uma visão da realidade que passa por novos caminhos, e que hoje é extremamente inevitável e indispensável.

(...) Sabedoria que leva a uma inteligência da realidade iluminada pelo amor e que, justamente por isso, desencadeia um formidável movimento de fraternidade. Verdadeiramente, Deus pode fazer coisas prodigiosas, mesmo em meio ao mal. Ele derrota-o com seu desígnio de amor.

Chiara viveu quase um século e a sua vida foi como um rio de sabedoria que irrigou a terra. Atenta aos acontecimentos da história, ela não parou na superfície das coisas, mas com profundidade e altura buscou o pensamento e a visão de Deus e a partir de Deus. Consequentemente, não deu importância a mais nada além da Palavra de Deus.

A unidade, com efeito, é o desígnio de Deus para a humanidade, o testamento de Jesus, o Verbo encarnado. Agora podemos constatar o quanto essa palavra, unidade, na medida em que estiver ancorada na Revelação, ultrapassa circunstâncias passageiras, o tempo e as épocas. Representa uma perspectiva de significado que compreende passado, presente e futuro. Uma perspectiva profética capaz de liberar as melhores energias de homens e mulheres de todas as latitudes, cultura, raça e condição social. Fortes na unidade, podemos transformar a “globalização da indiferença” em “globalização da fraternidade”.

O jogo ainda não acabou. Temos certeza de uma coisa: *trunfará a misericórdia de Deus.*



## O desafio quotidiano de **tornar-se família**

*A história de dois cônjuges da Croácia e a experiência deles no âmbito do projeto “Percurso de luz” promovido pelo Movimento dos Focolares.*

“Como as crianças pequenas que aprendem do nada, também nós aprendemos a entender, em primeiro lugar, a nós mesmos, reconhecendo os nossos sentimentos, e a entender o outro, aprendendo que os pensamentos diferentes não devem terminar sempre e por força em conflitos. Entendemos que os casais que nos rodeiam enriquecem os nossos relacionamentos e que é preciso evitar o isolamento”. Melita e Slavko são casados há cerca de vinte anos, são pais e vivem na Croácia. Contam a própria experiência como casal com toda a clareza, sem tentar mascarar nada, sem omitir aqueles momentos de provação que desenham o caminho que eles percorreram como um desafio, uma “casa” a ser construída cada dia, muitas vezes sem saber com que instrumentos. Não uma rodovia reta para atravessar com um automóvel potente, mas uma estrada desterrada a ser percorrida em bicicleta apenas com o motor das próprias pernas, pulmões e coração, com subidas muito cansativas e descidas regenerantes. Talvez a história deles seja como a de muitos casais, mas oferece uma chave de leitura sobre a família que não é óbvia.

A ocasião deste relato foi a participação deles em um encontro, na Itália, no âmbito do projeto Percursos de luz, que o Movimento dos Focolares dedica aos casais, com uma atenção particular aos que vivem momentos de separação. Num dos momentos mais escuros no seu relacionamento – explicam – foi graças a encontros como este que encontraram os instrumentos para “usar cada dia, para que a nossa família seja feliz e o nosso relacionamento cresça”. Instrumentos “que facilitam a escalada que nos espera na vida de casal

para realizar os planos de Deus sobre a nossa família”. Nas palavras deles emerge claramente que a imagem do casal “perfeito” é uma dolorosa ilusão. A expectativa de um percurso linear e ensolarado, alimentado pelo entusiasmo que segue o encontro com a pessoa “certa”, choca-se com a realidade de uma “partida” inteira para jogar e da qual não se conhece o resultado, onde o companheiro de equipe transforma-se às vezes em adversário e onde a vitória existe apenas quando os dois são vencedores. Um jogo que não tem regras escritas, mas que deve ser jogado com um objetivo muito claro, ou reencontrando-o quando desaparece. Um jogo onde cada um é chamado a dar a própria contribuição e a enfrentar as variáveis contrárias, sem procurar atalhos: “Da perspectiva de hoje – dizem – podemos testemunhar que o casamento não é algo fixo e estático, e que um curso como este não é uma varinha mágica que resolve todos os nossos problemas para sempre”. Aqui “aprendemos que o nosso primeiro filho – o casamento – precisa do máximo cuidado e importância, porque somente quando estamos em paz e em sintonia podemos ser capazes de dar amor aos filhos e às pessoas que nos circundam. Só assim nos realizamos como pessoas”.

Em efeito, tudo parte do sentir-nos já realizados “da linha de partida”. Melita conta do início: “Era um período muito bonito. Finalmente eu tinha realizado o sonho de ter um companheiro que sabia ouvir-me, consolar-me, entender-me. A pessoa com a qual partilhar o modo de ver a vida, a fé, o amor. Imediatamente, entendemos que nos queríamos casar coroados o nosso amor com o matrimônio”.

Mas, muito cedo, apresentou-se a primeira provação: a perda de um filho que estava para chegar constrangiu Melita e Slavko a rever os planos, a concentrarem-se

na organização prática da vida, no trabalho e na casa. Foi um momento vantajoso nos resultados, no qual experimentaram uma unidade crescente entre eles e com as respectivas famílias, partilhando tudo – diz Slavko – encontrando “a força, a vontade e o desejo das coisas mais simples”. “Idealizamos a nossa vida – acrescenta ela – completando as pedrinhas do nosso mosaico e esperando que a família se alargasse”. Depois de três anos, chegou a alegria do primeiro filho, mas ao mesmo tempo a necessidade de encontrar um trabalho menos empenhativo e mais remunerativo. O emprego para Slavko chegou, mas o novo contexto produziu no casal conflitos, incompreensões e feridas profundas.

“A segurança que tínhamos construído e a confiança recíproca desapareceram – conta Melita – começou um período de insatisfação nos nossos relacionamentos, de queixas pelos erros cometidos. Slavko não percebia a minha insatisfação e eu não sabia como mostrar-lhe as coisas que me incomodavam”. E ele: “Acontentava-me com aquela vida, pensando: o que posso querer ainda? Queremo-nos bem, estamos casados, a vida vai num trilho certo, porque tenho ainda que demonstrar a minha fidelidade e o meu afeto? É ela que não entende que amo e que estou aqui. Ao invés, eu estava como surdo aos seus gritos de ajuda e achava que era ela que deveria mudar e aceitar as novas circunstâncias. Em nós crescia a sensação de incapacidade e de desespero: caíamos num abismo do qual não víamos uma estrada de saída”.

Começaram, então, a pensar em separar-se. Tinham chegado ao fundo do poço. Mas naquele deserto, pouco a pouco, a vida começou a reflorescer.

“Naquele momento o Senhor colocou no nosso caminho os nossos padrinhos e alguns amigos, que assim como tantos outros tínhamos cancelado da nossa vida, e mandou-nos indicações através deles”, continua Slavko. Foi no relacionamento com outros casais que participavam dos Percursos de luz que, finalmente, conseguiram entrever uma saída. “Sozinhos, um diante do outro, e sozinhos diante de Deus começamos a entender e conhecer o outro novamente, aprendendo que ter opiniões diferentes não significa que não existe amor, pelo contrário, aprendemos de novo que a diversidade enriquece e completa-nos como casal”.

Aprender, descobrir, crescer e consolidar-se como pessoas e como casal. Certamente, esta é uma conquista inesperada de um caminho autêntico e corajoso, imprevisível e cheio de provações, mas também de conquistas e satisfações. Melita e Slavko descobriram que os planos de Deus para eles como casal e como família não são óbvios, mas requerem a própria determinação na vivência do amor recíproco. E aprenderam que é por meio deste esforço que o homem e a mulher realizam-se como pessoas.

*Claudia Di Lorenzi*

## Evangelho vivido: **Conspiração de amor**

Quando ficou viúva, minha sogra, não obstante tivesse filhas que poderiam acolhê-la, veio morar conosco. A sua presença, muito bem aceita pelos meus filhos, era um compromisso a mais para mim que já tinha uma família da qual ocupar-me. Além disso, por uma forma de arteriosclerose, ela falava sozinha, sem perceber que os outros a ouviam, e muitas vezes acontecia que resmungava contra mim. Meus filhos riam dessa situação, mesmo se para mim era uma ferida dupla. Era esse o seu modo de me agradecer por aquilo que fazia por ela? Um dia, ela estava na cama por um forte resfriado e, durante o almoço, surgiu o assunto da avó que falava sozinha. Meu marido ficou muito triste, depois todos juntos decidimos fazer uma “conspiração de amor” para amá-la mais e melhor. Penso que tenha sido um dos momentos mais educativos e fecundos na nossa família. Os parentes, e são muitos, que frequentemente vêm para visitá-la, ficam surpresos pelo bem que a vovó “produz” na nossa família.  
(C.S. – Itália)



*por Stefania Tanesinii*

*(extraído de Il Vangelo del Giorno (Evangelho do dia),  
Città Nuova, ano VI, n.2, março-abril 2020)*



## Um mundo unido até 2050?

*400 jovens, 56 países, 16 línguas, 4 dias: WeGENERate! O relato de Conleth Burns da Irlanda do Norte.*

Em janeiro, eu e a Luísa, uma amiga brasileira, falamos com 400 Gen 2, os jovens do Movimento dos Focolares, reunidos em Trento, no Norte da Itália. Fizemos uma pergunta para eles: vocês querem ser a Geração do Mundo Unido? A geração que fará ser realidade um mundo unido até o ano 2050?

Setenta e sete anos antes, Chiara Lubich e os seus amigos fizeram de uma frase do Evangelho: “Que todos sejam um” (Jo 17,21) – o objetivo e a missão da vida deles. No mês passado, estive no congresso internacional Gen 2 com o título “WeGENERate”, com algumas centenas de jovens, da mesma idade em que Chiara disse este “Sim” ao Evangelho. Pela primeira vez, pensei que esta oração pelo “Ut Omnes”, isto é, pela unidade da família humana, pudesse ser um pedido e não apenas uma simples declaração em forma de oração.

Um pedido, porque esta oração requer uma resposta. Um pedido, porque não são apenas palavras bonitas para serem ditas como oração. Mas desafiam quem as lê a vivê-las para encontrar a resposta. Um pedido, porque “Ut Omnes” é um assunto sobre o qual questionar-se, não um dado de fato.

A pergunta que eu e a Luísa dirigimos no mês passado aos jovens, isto é, se queriam ser a geração do mundo unido, não era nada mais que o pedido – mesmo se formulado de maneira diferente – ao qual Chiara Lubich tinha respondido em 1943. No fim da pergunta colocamos uma data para ver se nós, os Gen, queríamos realmente responder.

Ao invés de responder com palavras, resolvemos nos organizar. Por isso, numa tarde todos nós, 400 Gen, garotas e rapazes de 56 países, com tradução em 16 línguas, planejamos ações locais e globais para combater a corrupção, reduzir as desigualdades, frear

as mudanças climáticas, reativar o diálogo e prevenir os conflitos.

Respondemos a este pedido de Ut Omnes, de unidade, planejando atividades de promoção, de formação global para proteger a democracia.

Respondemos a este pedido decidindo promover as campanhas de mobilização #CleanPlate, #GreenDay #ClearPlasticJarChallenge e CarPooling para combater os problemas ambientais.

Imaginamos plataformas e aplicativos para abrir o diálogo, acabando com a ignorância e construindo relações.

Mark, da Síria, disse que queria voltar para a Síria para ajudar a reconstruir o seu país. Victor respondeu a este pedido desafiando a si mesmo a ser uma realização viva do carisma da unidade na Venezuela. Joelle respondeu a este pedido prometendo levar ao Líbano esta mensagem de unidade e de amor. Todos estes contextos não são diferentes daquele de Chiara, quando ela respondeu ao mesmo pedido em 1943.

Muitas pessoas, como Marco, Joelle e Victor, este ano irão a Trento para “encontrar” a cidade de Chiara Lubich.

Irão visitar a mostra a ela dedicada e os lugares da cidade nos quais ela viveu. Irão encontrar uma comunidade de pessoas que hoje vivem para construir a unidade em Trento. Irão até lá para entender as raízes da história de Chiara e dos Focolares.

Neste congresso, entendi que, se queremos realmente conhecer as origens desta história, é preciso colocar-se as perguntas sobre as quais ela respondeu em 1943: a unidade é possível? E ainda: e tu, acreditas que podemos ser todos uma coisa só?

*E se sim, o que eu posso fazer?*

Conleth Burns



## A solidariedade nos tempos do coronavirus

*No mundo inteiro, muitos gestos concretos de apoio, comunhão e partilha de histórias de esperança para difundir o “antivirus” da fraternidade.*

“Não sou mais ‘eu que tenho medo do contágio’ ou ‘eu que não me importo com o contágio’: sou EU que preservo o OUTRO. Eu me preocupo com você. Eu mantenho a distância por você. Eu lavo as mãos por você. Eu renuncio àquela viagem por você. Eu não vou ao concerto por você. Eu não vou ao shopping por você. Esta é uma oportunidade para transformar uma emergência numa corrida de solidariedade”.

Com estas palavras uma jovem dos Focolares, numa longa postagem no Facebook, encoraja a uma mudança radical de mentalidade e de ações nestes dias em que o seu país, a Itália, subiu para o segundo lugar na classificação das nações atingidas pelo Coronavirus.

Uma difusão que se está propagando no mundo inteiro, produzindo uma crise em que os efeitos indiretos nos vários países são múltiplos: do sistema sanitário à escola, à economia.

“Mesmo compreendendo as preocupações que hoje angustiam muitos atores econômicos” – escreve o economista Luigino Bruni, coordenador internacional da Economia de Comunhão (EdC) – “acreditamos que o papel das “empresas civis” não pode se limitar apenas da contabilidade dos danos e em contribuir para a difusão dos alarmes. Este é o momento de demonstrar que o Estado somos nós. E que a responsabilidade social da empresa não é só um instrumento de marketing mas é uma prática real que se ativa principalmente no momento da crise: demonstrando atenção ao bem comum (a saúde, o trabalho), praticando uma comunicação correta, formulando propostas concretas e sustentáveis com uma visão de conjunto, ativando ações concretas em favor das pessoas mais frágeis, valorizando um sistema feito de empresas, famílias, escolas, universidades,

organizações e entidades que se tornem protagonistas de uma nova e indispensável solidariedade proativa”. Bruni cita uma história de responsabilidade social destes dias. A história de Mahmoud Ghuniem Loutfi, que trabalha como rider em Turim (Itália). Em reconhecimento à cidade que o acolheu comprou máscaras para a Cruz Vermelha local. Não pensou no próprio dano econômico: perguntou-se o que poderia fazer pela sua comunidade, e portanto também por si mesmo.

Como Mahmoud, nestes dias, muitas pessoas estão vivendo experiências de cooperação, partilha e solidariedade.

Glória, uma jovem dos Focolares na China conta-nos, de Hong Kong, como a tecnologia ajuda a manter os contatos entre as pessoas: “procuramos organizar encontros em videoconferência para estar sempre unidos neste período difícil. Já que temos que estar mais em casa, o tempo que passamos com os familiares é útil para entendermos mais os seus problemas e sofrimentos”.

Caritas Lee vive em Ulsan, na Coreia. Conta sobre uma coleta de fundos na sua universidade. “O objetivo era racolar 500,000 won (380 € = R\$ 2.000,00). Como todos davam pequenas doações, pensei imediatamente em participar, lembrando das 1595 pessoas infectadas e identificadas até aquele momento. Mas aconteceu uma coisa maravilhosa: foram arrecadados 46 milhões de won (35.360 € = R\$ 189.071,00) que foram doados ao hospital diocesano e ao distrito sanitário de Daegu, a região mais atingida”. Depois deste gesto outras universidades também quiseram angariar fundos para ajudar o sistema sanitário. E não é só isso! “Muitos voluntários, médicos e enfermeiros – explica Caritas Lee – ajudam gratuitamente no hospital. Alguns proprietários de casas, ao invés, não quiseram receber o aluguel mensal, e ainda algumas pessoas distribuem alimentos na frente de suas



casas para aqueles que não podem sair”.

Yopi vive precisamente em Daegu. A sua casa é perto de um hospital, onde continuamente ouvem-se as sirenes das ambulâncias. “No início quando ouvia as sirenes rezava pelos pacientes. Depois, comecei a ficar ansiosa. Com a chegada da Quaresma decidi rezar o Terço todos os dias. Pouco a pouco, a ansiedade começou a dar espaço a uma grande paz no meu coração”.

Micaela Mi Hye Jeong escreve da Gumi, sempre na Coreia. “Aqui estamos preparando 150 máscaras para distribuir nos lugares onde há mais urgência. Pensamos: ao invés de procurar máscaras descartáveis que poluem o ambiente podemos confeccioná-las nos mesmos com algodão lavável. Nesta época de frio intenso e paralisado por causa do medo, senti que o meu coração se aquecia com esta possibilidade de viver concretamente o Evangelho”.

No Brasil, Armando, empresário da EdC, tem uma empresa que trabalha no setor sanitário. “Neste período as máscaras e os desinfetantes tiveram os preços até 500% mais altos em relação ao normal”, conta. “Perguntei-me: como empresário EdC como posso testemunhar aquilo em que acredito e pelo qual vivo? Portanto, decidi combater os preços praticados pelo mercado vendendo os meus produtos com preços até 50% (ou mais) inferiores aos meus concorrentes, e foi bonito sentir o apoio dos

meus dependentes para sustentar esse política”.

Na Itália, alguns jovens dos Castelos Romanos ofereceram-se para fazer as compras no supermercado com a entrega gratuita a domicílio. “Se você tem mais de 70 anos ou alguma doença e por precaução prefere ficar em casa, podemos fazer as suas compras”. Esta é a mensagem WhatsApp: “Não pense nas compras: vamos superar essa situação logo”.

E sempre da Itália, p. Paolo, pároco de Gorgonzola, uma pequena cidade perto de Milão, famosa no mundo inteiro pela qualidade dos queijos, juntamente com o prefeito foram ao encontro de outros prefeitos das “áreas vermelhas”, entregando quatro pedaços de queijos, “sinal da proximidade da nossa gente às suas populações”, explica p. Paolo. “Para mim é um sinal de querer doar um antivírus, o antivírus da fraternidade. (...) A atenção que devemos ter para não contagiar deve ser vivida não em forma de suspeita, mas na forma de um ato de amor que nos doamos reciprocamente. Também as privações que nos são pedidas, creio que seja importante vivê-las realmente como ato de amor em relação aos irmãos”. Esta é a ocasião certa para transformar a emergência em uma competição de solidariedade.

*Lorenzo Russo*

## Evangelho vivido: O enxoval

Desde jovem, estou habituada a ter dinheiro, roupas, luxo. Depois do casamento, aos poucos tive de reduzir drasticamente todas as despesas.

Há alguns dias, recebi um dinheiro extra do trabalho: imediatamente pensei no nosso bebê que estava para nascer, no enxoval que poderia comprar. Mas depois, lembrando-me de quantos pobres há na minha cidade, disse a mim mesma que aquele dinheiro poderia servir para ajudar algum deles.

No nascimento do nosso bebê, recebi de presente muitas roupas usadas. É claro que eu gostaria de ter um enxoval todo novo, mas aquelas coisas que ganhamos por amor me pareciam ter um valor e uma beleza ainda maior.

(Anita – Venezuela)



*por Stefania Tanesini*

*(extraído do Evangelho do dia,*

*Città Nuova, ano VI, n.2, março-abril 2020)*

## A grande força dos italianos

*Fraternidade, ternura e criatividade: os ingredientes certos para enfrentar a emergência do Coronavírus com milhares de experiências de amor ao próximo. Atingida de modo muito forte pela pandemia do Coronavírus, a Itália está vivendo uma das maiores provas depois da Segunda Guerra Mundial. Mas os italianos a enfrentam com contínuos gestos de solidariedade, fraternidade e ternura.*

Da província de Nápoles, escreveu-nos I.V., enfermeira no setor dos pacientes positivos ao Covid-19: “No início eu tinha medo do contágio e por isso fazia as práticas de enfermagem muito rápido. Um paciente pediu-me para ir buscar um café da máquina. Como primeira resposta, disse-lhe que não podia ir buscar. Mas depois, junto com uma colega, encontramos duas máquinas de café para todos os pacientes”.

Ter de ficar em casa mudou a vida da família de Salvo e Enza com os filhos Emanuele e Marco da cidade de Viareggio. Enza conta: “Até poucos dias atrás, nossos filhos, com tantos compromissos, raramente conseguiam estar com a avó que está doente e é obrigada a ficar sempre na cama. Agora, eles ficam mais tempo com ela e procuram ajudar-me não apenas dando-lhe um copo de água. Na hora do almoço e do jantar temos mais tempo para conversar e até rir juntos”.

Na cidade de Lucca, Paolo e Daniela ofereceram-se para fazer as compras para todos os vizinhos, dando aos outros também algumas máscaras que tinham a mais. Também de Lucca, Rosa e Luigi, um casal jovem de professores com dois filhos, todos em casa neste momento, emprestaram o carro para uma família que passa por uma grave situação econômica. Em Siena, Giada e Francesca puseram-se à disposição como babysitter dos filhos de enfermeiros que moram perto da casa delas, para ajudá-los. Em Pisa, Carla e Giacomo preparam o almoço para algumas famílias que moram perto da casa deles, enquanto em Arezzo há uma verdadeira disputa de solidariedade entre Rosanna, Rita e Mario para ajudar duas pessoas que não conseguem sair de casa, fazendo para elas as compras e preparando as refeições.

Para ajudar os seus colegas que são de outras cidades e estão obrigados ao isolamento, Barbara, de Latina, começou a gravar vídeos nos quais ensina as suas receitas. Eles agradeceram muitos porque deste modo sentem-se mais em casa, como se estivessem em família. Emanuele e Simonetta, da Sardenha, com seus três filhos



estão em quarentena há duas semanas. Escreveram: “Imediatamente percebemos que é uma oportunidade para construir relações mais profundas como família. Desde que entramos em contato com o vírus começamos a partilhar as nossas experiências na chat de um grupo com outras pessoas que vivem o mesmo sofrimento. Um dia alguns deles precisavam de alimentos. Como não podíamos fazer nada, encontramos um outro casal que imediatamente providenciou. Entendemos que não podemos parar diante das necessidades de um irmão”.

Da Sicília, Orsolina, enfermeira, contou: “no meu trabalho na terapia intensiva cardiológica, havia uma paciente jovem com um infarto complicado. No seu olhar via o medo e o sofrimento também porque não podia ter o conforto dos familiares e dos filhos pequenos. Senti que eu poderia ser a sua família. Assim, ajudei-a na higiene pessoal, imaginando o que eu gostaria que me fizessem se estivesse no seu lugar, arrumando com muita atenção a sua cama, ajeitando os seus cabelos. O seu olhar mudou completamente, juntas experimentamos uma grande alegria, pois naquele momento éramos uma família”.

Em Roma, Mascia e Mario com o filho Samuel estão descobrindo que “este vírus, para além de lembranos que somos todos interligados, está-nos dando a oportunidade de apreciar as pequenas coisas, de recolocar no centro a vida familiar e os afetos, de sermos criativos contra os programas pre-estabelecidos e o ritmo frenético com o qual estamos habituados”. Como representante de classe Masha procura o melhor modo para amar as famílias e as professoras, mantendo sempre viva a relação através de mensagens e telefonemas.

Como disse Jesús Morán, co-presidente dos Focolares, alguns dias atrás: “Este é realmente o momento da sabedoria (...) que leva a uma inteligência da realidade iluminada pelo amor e que (...) desencadeia um formidável movimento de fraternidade. Verdadeiramente Deus pode fazer coisas grandiosas, também no meio do mal. Ele pode vencer com o seu desígnio de amor”.

*Lorenzo Russo*



## Juntos conseguiremos

*O empenho das crianças dos Focolares e dos seus animadores neste momento de emergência planetária. On line para eles também um novo site.*

“Nestes dias devemos ficar em casa, mas temos um segredo para sermos igualmente felizes: amar. Então todas as manhãs jogamos o dado e fazemos o que ele diz”. Os gen 4, as crianças dos Focolares, não param: até em isolamento começam cada dia jogando “o dado do amor”, cujas faces lembram, cada uma, um ponto da arte de amar, e se empenham em vivê-lo.

Em algumas cidades os e as gen 4 fizeram cartazes e cartinhas envolvendo os pais para oferecer ajuda às pessoas idosas dos seus edifícios. “Ninguém nos pediu coisas concretas – escreveu uma mãe –, mas foi a ocasião para conhecer os vizinhos que nos telefonaram nos agradecendo muitíssimo”.

“Mas e se alguma criança no edifício não tiver tantos brinquedos como nós?” se perguntaram, no entanto, Niccolò e Margherita, gen4 italianos. De este modo, deixaram uma caixa na entrada do condomínio deles com este cartaz: “Olá! Encontramos em casa alguns brinquedos que a nós não servem mais. Se quiserem podem pegá-los e não é preciso devolvê-los. Força!”.

E se “casa” nestes dias, poderia significar “limite”, em Roma se pensou em propor aos gen 4 que construíssem uma casinha de papelão na qual recolher os atos de amor deles. E enquanto bilhetes e desenhos lotam as casinhas, também os adultos aprendem das crianças que, neste isolamento, todos podemos lotar as casas, de pequenos atos de amor.

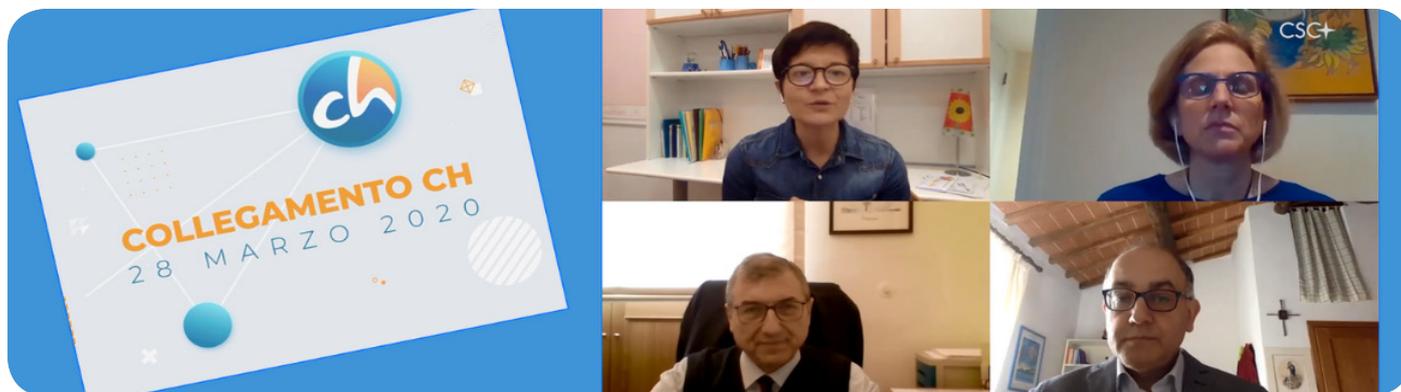
Os gen4 estão em todas as partes do mundo e, se esta pandemia atinge todos os países, lhes é natural fazer com que se sinta a solidariedade, sobretudo a quem vive onde se sofre mais. E eis a saudação em vídeo de dois gen 4 da Ásia que, mostrando o desenho de um arco-íris, gritam “Força, Itália” ou aquele de um país africano no qual encorajam todos com “Juntos conseguiremos”!

Ao lado das crianças, os animadores dos Focolares estão na linha de frente para acompanhá-los neste delicado período, do Brasil ao Congo muitas as ideias que estão sendo atuadas. De Bilbao (Espanha) escrevem: “Tivemos a ideia de realizar encontros com os gen 4 e as suas famílias, todas as semanas via web. Contamos uns aos outros como estamos vivendo esta nova situação, pondo em luz os atos de amor. Nós nos despedimos com o compromisso de rezar pela paz, pelos doentes, por todos os que sofrem”. Em Portugal, todos os domingos alguns adultos fazem um vídeo com uma pequena representação do Evangelho e o compartilham nas redes sociais.

Portanto, a rede está se revelando importante neste período também para eles. E justamente nestes dias o Centro gen4 internacional colocou on line um novo site (<https://gen4.focolare.org/pt-br/>), endereçado às crianças e aos seus educadores, enriquecido com materiais e percursos de formação para a espiritualidade dos Focolares, para esta faixa de idade. Um novo site em uma data significativa: precisamente no dia 29 de março de 1972 Chiara Lubich dava vida aos gen4 e às gen4, a mais jovem geração dos Focolares. Alguns anos depois, comparando o Movimento com uma grande árvore, os definiu “como os brotinhos de uma árvore. (...) Uma coisa preciosíssima, preciosíssima: é a segurança da árvore”[1].

*Anna Lisa Innocenti*

[1] C. Lubich in: M. Bolkart e C. Heinsdorff, *Chiara con i Gen 4*, Città Nuova 2009, p.13.



## O mundo **não** será mais como antes

No *Collegamento CH* de 28 de março, *Stefania Tanesini* entrevistou os professores *Amy Uelmen* (EUA), *Luigino Bruni* (Itália) e *Vincenzo Buonomo* (Itália) sobre a visão deles do mundo após a pandemia do Coronavírus. Referimos alguns trechos da entrevista.

**Stefania Tanesini:** Gostaria de fazer a todos a mesma pergunta. “O mundo não será mais como antes, depois dessa pandemia”, ouvimos esta frase, lemos continuamente isso. Mas será mesmo assim? O que significa?

**Amy Uelmen** (*Georgetown University, Washington D.C, EUA*): Creio que estamos vivendo um momento da verdade muito, muito forte. A nossa sociedade dá grande valor à iniciativa individual e à liberdade de realizar sonhos e projetos criativos e isso pode ser maravilhoso. Mas o risco de estar concentrados intensamente nas nossas atividades é aquele de ficar insensíveis ou até cegos em relação àqueles que possuem menos recursos e que esperam realizar igualmente seus válidos sonhos.

Creio que o vírus focaliza esta imagem: somos mesmo um único corpo, profundamente ligado no mundo inteiro. E se não encontrarmos o modo de reformular a nossa vida política e social para cuidar de todos nas necessidades primárias, então ninguém poderá prosperar.

Vocês perguntam: como é que esta experiência mudará o nosso mundo? Não tenho a ilusão de ver os atuais níveis de polarização política desaparecerem da noite para o dia. Mas creio que este momento da verdade ficará gravado na nossa mente coletiva. E esta profunda experiência de estar ligados fisicamente um ao outro pode ajudar a abrir espaço para uma reflexão muito mais profunda sobre as limitações e as

possibilidades das nossas atuais estruturas políticas e sociais. Nisso encontro um sentido de esperança.

**Stefania Tanesini:** Luigino, você é economista. Como vai ficar a economia? Como será a humanidade depois dessa pandemia?

**Luigino Bruni** (*Libera Universidade Maria Santíssima Assunta, Roma, Itália; coordenador da Economia de Comunhão*): Bem, ainda não podemos dizer. Porém podemos dizer algumas coisas. Antes de tudo, que teremos que aprender mais a viver com uma certa vulnerabilidade. Se sonharmos com um mundo com vulnerabilidade zero, o que acontecerá depois será o fechamento dos países em um novo nacionalismo, se reerguerão fronteiras, e isso seria realmente a pior coisa que poderia acontecer, ou seja, perder séculos de integração para sonhar com um mundo onde não se arrisca nada. Precisamos reaprender a administrar a vulnerabilidade e o risco de modo novo, de um modo global e totalmente inédito.

E depois, deveremos nos reabilitar a curtas distâncias. Nós levamos séculos, milênios para aprender a darmos as mãos, porque o mundo antigo tinha medo e desconfiança do outro, do estrangeiro, de quem chegava de longe. Agora quando sairmos de casa, deveremos aprender de novo a ficarmos próximos, porque haverá uma tendência a ficarmos afastados, à imunidade, ao medo de que o outro seja um vírus para mim e não um amigo, um irmão. E para nós, interessados em um mundo unido, a situação é muito séria.

Para a economia, o que mudará? Não sei. Temo que mudará pouco, pois não é tão evidente para as pessoas, hoje, que esta crise é também uma crise do capitalismo. Temo que quando abriremos de novo



as casas, iremos todos fazer compras nos centros comerciais, as empresas deverão produzir mais, até mesmo correr mais do que antes para recuperar os meses perdidos.

Mas nestes meses desta experiência enorme, o que é maravilhoso é que todos juntos estamos fazendo a mesma experiência no mundo, ou seja, algo nunca feito antes na humanidade. Portanto, aproveitar este tempo porque as pessoas ouvem mais.

O que acontecerá depois, dependerá também do que fazemos agora, isto é, quem pensa, quem tem ideias, criar novas vozes, fazer cultura, fazer opinião, porque hoje as pessoas ouvem muito mais do que antes da crise e do quanto se fará depois da crise.

**Stefania Tanesini:** Vincenzo, você é docente de Direito internacional. Que mundo nos espera?

**Vincenzo Buonomo (Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, Itália):** Acho que o mundo será sempre o mesmo, isto é, um mundo feito com os ciclos das estações, um mundo com a limitação dos recursos, um mundo sobretudo feito de muitas diversidades. O importante é que neste período tenhamos mudado nós.

Neste momento, muitos estão se deixando abater pela angústia de querer pensar no amanhã. O amanhã deve ser pensado neste clima de uma mudança que parte de nós mesmos, e que depois imediatamente terá reflexos sobre as instituições, sobre as regras.

Está se dizendo que isto é um conflito, que é uma guerra, como se fosse algo novo. Na verdade, os conflitos, nós os vivemos diariamente, as guerras, as vivemos diariamente. Esta é uma guerra diferente, mas no final de uma guerra deverão ser reescritas as regras. Deverão ser reescritas as regras e sobretudo os valores a serem compartilhados. Nesta fase nós devemos ser capazes de propor algo, não somente esperar que alguém mude.

As instituições nacionais e internacionais nos mostram que, relativamente, estão em condições de responder aos problemas. Por quê? Porque pensadas em um contexto completamente diferente. Se era necessário um impulso a mais para reformar a ONU ou a OMS,

este impulso chegou. Porém, aqui agora cabe a nós assumirmos a responsabilidade, porque se esperarmos que alguém reforme a ONU, reforme a Organização Mundial da Saúde, vamos ficar esperando. O risco é de ter classes dirigentes aniquiladas em muitos países. Vejamos a avaliação dos riscos em nível global. Qual será a contribuição seguinte?

Hoje de manhã eu disse aos estudantes nas aulas online: “Vejam, fizeram os jovens como vocês, recém-formados em medicina, descerem a campo. Atenção, a vocês não é pedido isto, pois estudam outras coisas, mas é pedido que possam estar prontos a tomar as rédeas de uma instituição, de um país, de uma realidade local”.

**Stefania Tanesini:** Que contribuição podemos dar amanhã, num futuro próximo, quando retomaremos a nossa normalidade?

**Amy Uelmen:** *IO maior dom que posso partilhar neste momento é a coragem de ser aberta para reconhecer como a crise desnudou o meu medo, as minhas ansiedades e limites. Penso que seja exatamente este tipo de vulnerabilidade que podemos viver nos nossos relacionamentos. É com esta base que podemos construir a comunidade, onde podemos acolher plenamente um ao outro e discernir que caminho seguir.*

**Luigino Bruni:** *Entendemos nesta crise o quanto as pessoas são importantes. Vimos o quanto uma só pessoa que não respeita as leis pode fazer, de bem e de mal. Também entendemos de novo o que é o bem comum, porque vimos o que é o mal comum. Isto é, era preciso um mal comum para entendermos de novo o bem comum, que somos um corpo, que estamos ligados. Não nos esqueçamos mais disso.*

**Vincenzo Buonomo:** *Devemos ser capazes de expressar ideias-forças como o Mundo Unido, como a partilha e a solidariedade, através de regras diferentes. É o momento! Se antes não podíamos fazer isso, agora temos a possibilidade, temos a ocasião em todos os níveis: em nível local e em nível mundial.*

Collegamento CH, Março 2020



**Padre Silio Naduva**  
**Isole Fiji**  
**(1967 - 2020)**

## **Padre Silio Naduva: pioneiro do Movimento dos Focolares nas Ilhas Fiji**

*Ele faleceu há poucos meses, aos 53 anos; suas paixões eram construir pontes entre povos e culturas e formar as novas gerações.*

Os jovens eram a “ideia fixa” do padre Silio Naduva, sacerdote das Ilhas Fiji, no Pacífico Meridional, falecido há poucos meses, aos 53 anos. Assegurar-lhes uma formação e educação humana e espiritual era sua paixão mais profunda, em uma das ilhas mais isolada do arquipélago, onde a globalização que leva o mundo às casas não basta para dar aos jovens o conhecimento e os instrumentos para enfrentar a própria vida de modo consciente, livre e frutuoso.

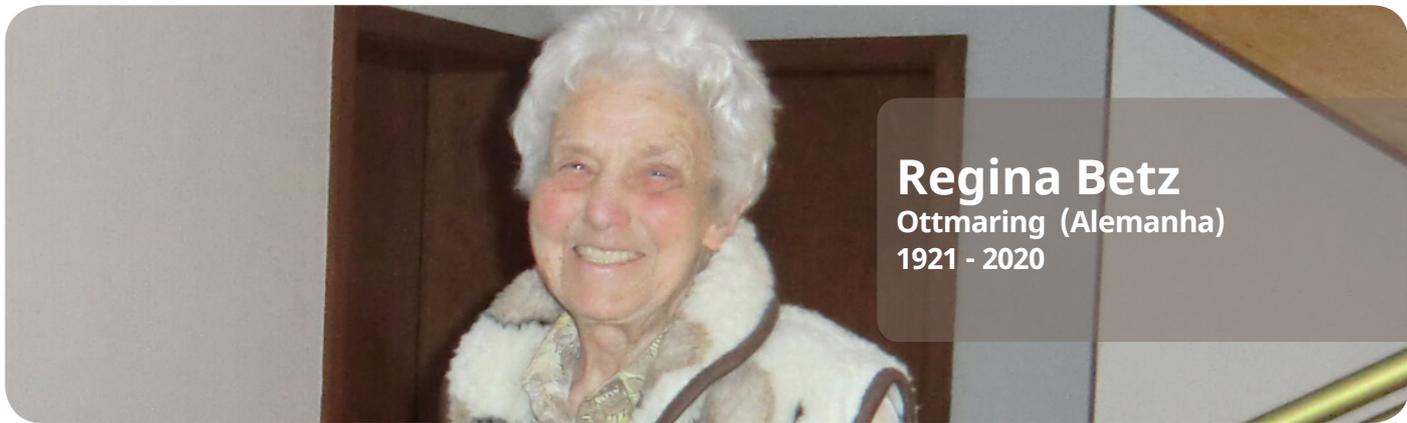
O que o havia fascinado do carisma da unidade de Chiara Lubich, que havia conhecido no fim dos anos 90, era “esta capacidade do ideal de tornar-se família, de cimentar a união entre as pessoas e em particular com o rebanho que o Senhor havia lhe confiado”, conta Roberto Paoloni, voluntário do Movimento dos Focolares, que juntamente com o padre Silio trabalhou durante algumas semanas de formação justamente na sua paróquia de St. Anne, em Napuka, no verão passado. “Na espiritualidade da unidade”, explica Paoloni, “havia descoberto uma força propulsiva incrível” que o havia ajudado a enfrentar também momentos de grande dor e sofrimento.

Nascido no dia 28 de fevereiro de 1867 em Namuamua, na província de Serua, uma pequena vila na ilha principal de Fiji, Silio era o sétimo de nove irmãos e desde muito jovem mostrava grande generosidade, perseverança, iniciativa e capacidade de cuidar tanto de seus familiares como de todos.

Frequentou a escola marista e depois, aos 17 anos, se alistou nas forças militares de Fiji. Silio participou de duas missões, vivendo experiências traumáticas, porém, nunca perdeu sua profunda humanidade. Somente depois da morte de seu pai, em 1996, Silio entrou no seminário regional do Pacífico para começar sua formação e, no ano seguinte, conheceu o Movimento dos Focolares. Foi ordenado sacerdote no dia 01 de janeiro de 2005, aos 37 anos, e começou seu ministério na paróquia de Vudibasoga, em Nabala. Em 2013, foi diagnosticado com uma doença grave, o que não lhe impediu de servir e trabalhar pela paróquia com todas as suas energias.

Em 2018, padre Silio acompanhou alguns jovens ao Genfest de Manila, nas Filipinas, e voltou para a casa com o desejo ardente de encorajar seus jovens a seguir por aquele caminho. Ele os guiava e educava. Com eles, se dedicava a construir pontes com os jovens das outras comunidades, com diferentes culturas e línguas, mas como irmãos. Entre seus últimos esforços, está a promoção de um encontro para os jovens da sua e das paróquias vizinhas, organizado em agosto passado em colaboração com o Movimento dos Focolares e a Caritas local. Em uma comunidade fragmentada e uma composição social dilacerada por pobreza e violência, Padre Silio trabalhou para oferecer aos jovens um horizonte mais amplo, onde a convivência se nutre de solidariedade recíproca e onde povos separados por grandes distâncias e com tradições, culturas e línguas diversas se encontram em respeito recíproco e com o desejo de construir relacionamentos de fraternidade.

*Claudia Di Lorenzi*



**Regina Betz**  
Ottmaring (Alemanha)  
1921 - 2020

## Regina Betz: Terminou a corrida

*Aos 99 anos, dia 17 de março, faleceu Regina Betz, focolarina alemã, professora de sociologia, pioneira dos Focolares na Alemanha e na Rússia. Amava o ecumenismo e o compromisso pela renovação cristã da sociedade.*

Estava sempre correndo. Desde quando conheci Regina Betz lembro dela com um passo acelerado. Não como alguém que se sente empurrado ou perseguido, e sim como quem tem uma meta a alcançar e não quer perder tempo inutilmente. Mas quando se detinha com você estava plenamente presente: com seu olhar atento e vivo, com o sorriso inconfundível e brincalhão que iluminava todo o seu dia.

Regina Betz teve o que fazer na vida. Era a primeira de dois filhos, nasceu em Gottingen (Alemanha), numa família católica, e cresceu numa região de maioria luterana, com um ecumenismo natural, ulteriormente reforçado pela resistência de todos ao nacionalismo de Hitler. Tendo passado, durante a Segunda Guerra Mundial, alguns anos na Itália, após os estudos em Economia Social estabeleceu-se por três anos em Roma (1955-1958), para trabalhar no Conselho Pontifício para os leigos.

Ali conheceu o Movimento dos Focolares e foi tocada “por uma luz e uma força”, como mais tarde escreveu num seu livro<sup>1</sup>. Para conhecer melhor o Movimento participou da Mariápolis de 1958, onde encontrou – como contava – “cristãos que voluntariamente viviam a unidade” e o modelo de uma “sociedade nova e humana”. “Finalmente eu tinha encontrado o que buscava a tanto tempo. Em mim havia um canto de júbilo”.

Retornando à Alemanha, aonde ainda não havia o focolare, continua o seu trabalho na Igreja e realiza importantes viagens à Ásia e à América do Sul. Em

1966 está entre as voluntárias do Movimento dos Focolares quando recebe o convite para ensinar sociologia na escola de formação de Loppiano (Itália). E lá, aos 46 anos, sente-se impulsionada a consagrar-se como focolarina.

De 1968 a 1990 trabalha como professora de sociologia em Regensburg (Alemanha) e como colaboradora do Instituto para as Igrejas Orientais, o que lhe permite conhecer os cristãos do leste da Europa e viajar a vários países dos Balcãs, à Bulgária e à Romênia. A impressionava muito o entusiasmo dos jovens comunistas, que agiam impulsionados pelo amor aos mais necessitados.

Em 1989 recebe a proposta de um trabalho em Moscou e isso torna possível a abertura de um focolare. “A vida em Moscou – comenta – revelou-se como uma vida em conjunto: junto no Focolare, junto com os muitos russos que vinham conhecer a nossa vida. Conheci um pouco a alma russa, cheia de generosidade, de cordialidade. Experimentei uma hospitalidade grandiosa onde tudo era compartilhado. Nada de estruturas, mas muitos amigos”.

Mas o florescimento da vida ao redor do Focolare tem um preço. Como ela confidenciou pessoalmente, Regina gostaria que, depois da sua morte, ao falar dela, fosse comunicada também a parte “escura” da sua vida: “Não tenho mais nada para dar – escreve num diário daquele período – mas para mim é uma consolação saber que Ele está comigo no buraco... Para mim cada instante é extenuante, tenho medo e não consigo imaginar que ainda posso concluir algo”. Em 2008 Regina volta à Alemanha, vai morar na Mariápolis permanente de Ottmaring. São anos marcados por relacionamentos com pessoas muito variadas, que ela acompanha com visitas e com

milhares de cartas, escritas à mão e ricas de sabedoria. Com grande atenção acompanha os eventos da Igreja e da sociedade.

E mesmo quando as forças diminuem é fiel à Palavra de Vida que havia recebido de Chiara Lubich: “Quem quiser salvar a própria vida vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 16,25). “Quantas vezes deixei tudo para recomeçar

em outro lugar! E quanto ganhei com isso: quantas experiências, quanto conhecimento da vida de países e culturas, quantos relacionamentos com inúmeras pessoas!”

No dia 17 de março Regina terminou a sua corrida e deixou tudo definitivamente. Tenho certeza de que ela encontrou uma vida inimaginável.

*Joachim Schwind*

1) Regina Betz, *Immer im Aufbruch, immer getragen*, Verlag Neue Stadt, München 2014.

## Evangelho vivido

### O cêntuplo



Vivo numa cidade pequena com poucas lojas, onde nem sempre encontra-se o necessário. Uma manhã bateu à minha porta uma vizinha pobre e doente. Com um grande sorriso pediu-me um pouco de óleo. O que eu ainda tinha na cozinha seria necessário para mim. Mas senti-me impulsada a dar-lhe tudo. Na hora de preparar o almoço, dei-me conta de que teria de dar um jeito para cozinhar sem óleo, mas fiquei feliz por aquilo que tinha feito. Enquanto pegava uma panela, alguém bateu à porta. Era uma pessoa que eu não via há bastante tempo, que vive numa região distante. Convidou-me: “Vem, tenho algo para ti no carro”. E entregou-me três grandes caixas cheias de latas de óleo: ao todo 54 litros. (G.V. – Burundi)

### As toalhas roubadas

Trabalho como caixa em um restaurante. Não exito em pedir as sobras de comida à cozinha para dar às crianças que vivem na rua. Encontro muitas todos os dias no caminho para a casa.

Um dia, quando estava descendo do ônibus, alguém arranca-me a bolsa da mão e sai correndo! Fico chocada: dentro da bolsa tinha dez toalhas de mesa do restaurante, que havia recém retirado da lavanderia.

O que fazer? Como direi ao meu patrão? Não sabia como contar nem à minha mãe, nem ao diretor do restaurante. Porém, tinha certeza que o Eterno Pai

iria me ajudar. No dia seguinte, conto ao dono do restaurante o que aconteceu e ele, sem demonstrar muita preocupação, diz que espera as toalhas de volta o quanto antes. No mesmo momento, uma cliente que ouve a nossa conversa aproxima-se e diz que pode comprar o tecido necessário para fazer outras novas.

Eu não podia acreditar! E o primeiro pensamento de alegria que tive foi lembrar das crianças que poderia continuar ajudando com a comida.

D.F. – Filipinas

*por Stefania Tanesini*

*(extraído do Evangelho do dia, Città Nuova, ano VI, n.2, março-abril 2020)*

## **Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:**

**22 de fevereiro de 2020**

*Olga Chudová, focolarina casada da Eslovaco*

**26 de fevereiro de 2020**

*Hans Müller, focolarino casado da Alemão*

**07 de março de 2020**

*Antonio Giuseppe Manconi, sacerdote focolarino da Itália*

**09 de março de 2020**

*Cesare Bazzan, focolarino da Itália*

**15 de março de 2020**

*Paolo Rocher, focolarino da Itália*

**17 de março de 2020**

*Regina Betz, focolarina da Alemão*

**20 de março de 2020**

*Renzo Schienoni, focolarino casado da Itália*

**25 de março de 2020**

*Fiorenzo Vittone, sacerdote focolarino da Itália*

**04 abril 2020**

*Josef Viert, sacerdote focolarino da Alemão*

**04 abril 2020**

*Lori Maria Bergozza, focolarina da Itália*

**07 abril 2020**

*Lalla Lucarini, focolarina casada da Itália*

**13 abril 2020**

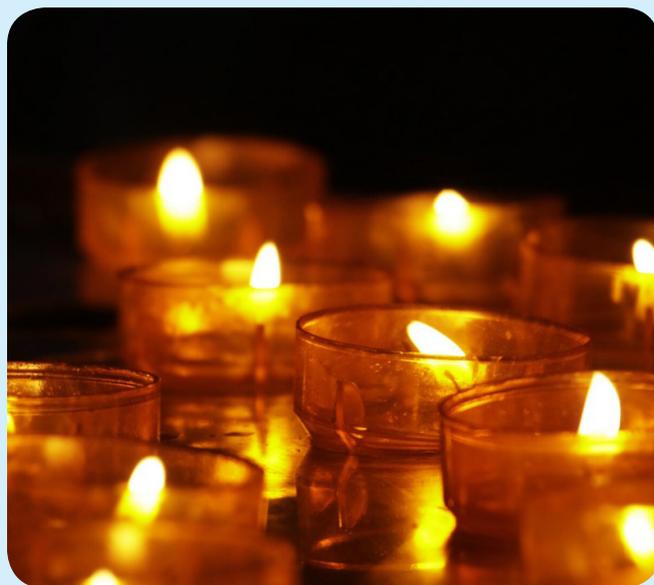
*Franco Guardigni, sacerdote focolarino da Itália*

**13 abril 2020**

*Padre Ermanno Rossi (P.O.), da Itália*

**15 abril 2020**

*Silvano Gianti, focolarino da Itália*



## **Contribuições para o noticiário Mariápolis:**

*Prezados leitores, este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes publicados na seção "Mariápolis" do site internacional do Movimento dos Focolares ([www.focolare.org/mariapoli](http://www.focolare.org/mariapoli)).*

*Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail ativando a respectiva notificação.*

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.*

*A redação*

## **A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente:**

PAFOM – Noticiário Mariápolis

Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi

IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921

BIC: UNCRITM1404

---

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. [www.focolare.org/pt/mariapoli/](http://www.focolare.org/pt/mariapoli/)

© Todos os direitos reservados